

REESCRITAS E RELEITURAS

A revista *Scripta Alumni* número 17 apresenta um dossiê sobre reescritas e releituras. O tema é bastante amplo e os artigos selecionados para esta edição exploraram perspectivas variadas, oferecendo um panorama que percorre os discursos dramático, poético e romanesco, com ênfase maior neste último. As discussões abordam: tradução intersemiótica, intratextualidade, dialogismo, foco narrativo, personagens e aspectos teórico-críticos aplicados à arte literária.

Depois de elencar os assuntos que predominam nesta edição, parece adequado visitar alguns autores que têm estudos extremamente relevantes sobre os temas. Fazem parte dessa lista: Mikhail Bakhtin, Robert Stam, Jorge L. Borges, Ítalo Calvino e Antoine Compagnon.

Seguindo essa ordem, os textos de caráter enciclopédico de Bakhtin, em especial aqueles reunidos no livro *Estética da criação verbal*, analisam o dialogismo, processo que abrange a polifonia, o plurilinguismo e a intertextualidade. Dessa tríade, interessa-nos aqui a relação intertextual e seu vínculo com o conceito norteador: o discurso dialógico. Podemos utilizar a concepção de Bakhtin para compreendermos o dialogismo como elemento básico em todo processo de releitura (e de reescrita, conseqüentemente), pois ele envolve “nosso pensamento sobre as obras, as teorias, os enunciados, e, de uma maneira geral, (...) nosso pensamento sobre o homem” (BAKHTIN, 1997, p. 195)¹. Nesse aspecto, são relevantes as questões de subjetividade, ideologia e coautoria, em cada processo de releitura: seja essa uma atividade desenvolvida inconscientemente, pelo leitor, no momento da recepção/interpretação de uma obra; seja no caso da (re)criação, processo consciente, em que um autor adapta um texto literário.

Em outro trecho do mesmo livro, desenvolvendo o mesmo conceito, Bakhtin menciona o cruzamento de informações proporcionado pelo texto literário, o que resulta em uma rede plural e quase inesgotável de sentidos:

¹ BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



O texto é o dado primário (a realidade) e o ponto de partida de todas as disciplinas nas ciências humanas. Conglomerado de conhecimentos e de métodos heterogêneos chamados filologia, lingüística ciência da literatura, do conhecimento, etc. Partindo de um texto, perambulam-se nas mais variadas direções, recolhendo-se fragmentos heterogêneos na natureza, na vida social, no psiquismo, na história, que serão unidos numa relação ora de causalidade, ora de sentido, confundindo-se a constatação e os valores. (BAKHTIN, 1997, p. 190)²

Como se vê, em um processo normal de leitura, a pluralidade já é uma constante e nem sempre pode ser prevista pelo autor, em sua totalidade. Quando se torna pública, a obra desconhece limites e ganha novos "donos", novas interpretações e significados muitas vezes alheios à sua gênese. No momento em que se realiza uma adaptação, as nuances e o hibridismo se proliferam. Nas palavras de Robert Stam:

Já que as adaptações fazem malabarismos entre múltiplas culturas e múltiplas temporalidades, elas se tornam um tipo de barômetro das tendências discursivas em voga no momento da produção. Cada recriação (...) desmascara facetas não apenas do romance e seu período e cultura de origem, mas também do momento e da cultura da adaptação. (...). A adaptação, nesse sentido, é um trabalho de reacentuação, pelo qual uma obra que serve como fonte é reinterpretada através de novas lentes e discursos. Cada lente, ao revelar aspectos do texto fonte em questão, também revela algo sobre os discursos existentes no momento da reacentuação. (STAM, 2006, p. 48)³

Em cada adaptação, portanto, o sentido da obra é revitalizado e até mesmo reconstruído, pois deve entrar em sintonia com a linguagem, o estilo, o contexto histórico e, desse modo, também deve atender ao horizonte de expectativas do novo público. Com base nessa premissa, e conforme a citação de Stam, a reacentuação não é uma opção; é uma necessidade.

² BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

³ STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Revista Ilha do Desterro*, n. 51, Florianópolis, jul./dez. 2006, p. 19-53.



Passando agora ao texto de Jorge L. Borges, o autor, no conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, contempla o processo de leitura e a permanência dos clássicos, quando faz a obra de Cervantes parecer inédita e inovadora. A princípio, o leitor do conto fica perplexo e confuso, ao perceber que trechos que o narrador considera muito diferentes são literalmente iguais. Esse julgamento instiga a leitura e só passa a fazer sentido ao final, quando o próprio narrador menciona:

Menard (porventura sem querer) enriqueceu por meio de uma técnica nova a arte estagnada e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. Esta técnica de aplicação infinita insta-nos a percorrer a *Odisseia* como se fosse posterior à *Eneida* (...). Esta técnica povoa de aventura os livros mais calmosos. (BORGES, 2011)⁴

A ironia que predomina nesse trecho confere à leitura e à distância temporal o que se considera um "anacronismo deliberado", repleto de "atribuições errôneas". Entretanto, é justamente essa associação, que parece imperfeita e inadequada, no primeiro momento, a responsável pela construção do novo sentido do texto literário, quando esse é inserido, pelo público leitor, em outra época, passando, então, a ser contaminado por novas ideias e diferentes princípios. Isso significa evolução e permite o resgate de obras escritas já há algum tempo.

De muitas formas a conclusão do conto de Borges está relacionada ao que Ítalo Calvino afirma, na introdução do livro *Por que ler os clássicos*. Calvino reúne inúmeras respostas à pergunta que dá título à sua obra. Na proposição de número 4, o autor afirma: "*Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira*" (CALVINO, 2007, p. 11, ênfase no original)⁵. Essa passagem explica, de certa maneira, por que o narrador do conto de Borges considerava o texto de Menard tão diferente do *Quixote* original. E isso ocorria apenas por um motivo (se novamente usarmos Calvino para a compreensão do texto borgeano), afinal "*um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*" (p. 11, ênfase no original).

⁴ BORGES, J. L. *Pierre Menard, autor do Quixote*. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=pierre+menard+autor+do+quixote&hl=pt-BR>>. Acesso em: 27 set. 2011.

⁵ CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



Mas a justificativa mais importante, e que define muito bem o que é um clássico, é dada por Calvino logo nas primeiras linhas da introdução: "1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: 'Estou relendo...' e nunca 'Estou lendo...'" (CALVINO, 2007, p. 9, ênfase no original). E assim fechamos a apresentação do tema deste dossiê: releituras, o que não significa **ler pela segunda vez**, mas oferecer uma perspectiva diferente, a fim de complementar as outras leituras possíveis, já existentes.

Para apresentar os processos de releitura e reescrita, foram selecionados sete trabalhos, os quais se encontram distribuídos em três seções, definidas pelo gênero literário das obras analisadas em cada artigo:

- *Peça de teatro*
- *Poema*
- *Romances*

A primeira parte, *Peça de teatro*, traz um artigo, intitulado *Do palco para a tela: aspectos intersemióticos da adaptação de "Dancing at Lughnasa" para o cinema*. Nesse trabalho, a autora avalia a recriação da peça (escrita originalmente pelo dramaturgo irlandês Brian Friel) pelo diretor Pat O'Connor, quase uma década depois. Em razão disso, o trabalho toma por base os postulados de Lúcia Santaella, Claus Clüver, Júlio Plaza, entre outros.

A seção dois, *Poema*, também apresenta apenas um artigo. Sob o título *A "Poética" de Manuel Bandeira em "Tema e voltas"*, o estudo privilegia a intratextualidade de um texto-manifesto do poeta modernista com um poema posterior, datado de 1948. Para tanto, o texto é analisado, nos diferentes níveis, tendo como pressuposto os princípios estético-teóricos que foram apresentados na composição de 1930. Dessa forma, verifica-se a lógica interna, na obra do escritor, de modo a consolidar seu projeto literário.

Na última seção, chamada *Romances*, estão reunidos cinco artigos. O primeiro deles, *Um olhar lukacsiano sobre "O beijo da mulher-aranha"*, de Manuel Puig, parte dos estudos do teórico húngaro, contemplado já no título do trabalho, para relativizar alguns conceitos, visando à comprovação de que a evolução social, em sintonia com a inovação nas artes, requer novo olhar, outras categorias e diferentes modos de análise.



O personagem-tipo no romance histórico "Um conto de duas cidades" é o segundo artigo da seção. Baseando-se, principalmente, nos postulados de Lukács e Candido, a autora investiga de que modo a tipificação dos personagens, na obra do autor Charles Dickens, representa a estratificação da sociedade, na época da Revolução Francesa.

No terceiro estudo da mesma seção, sob o título "*Duas vezes junho*", de *Martín Kohan: uma análise estético-histórica*, a autora entrelaça literatura, história e sociedade, a partir do contexto que serve de pano de fundo ao romance que constitui seu objeto de investigação: a ditadura militar argentina. Embora a lista de referências seja bastante ampla, ressalte-se a presença de Lukács também nesse artigo, em conformidade com os dois trabalhos que abrem a terceira seção do dossiê.

O quarto artigo, intitulado *Descendo as escadas para "1Q84": uma análise do universo fantástico de Haruki Murakami*, apresenta a literatura japonesa contemporânea, com traços típicos da época atual, tais como: o hibridismo, a predominância do fantástico na narrativa e a natureza complexa do sujeito e das relações interpessoais refletida nos personagens da história. Mais do que os outros elementos, o fantástico predomina, no artigo, razão pela qual ganham destaque as obras de Todorov, as quais adensam a base teórica do trabalho.

O último artigo da seção, sob o título *Do folhetim ao livro: alguns tópicos sobre a adaptação de "Quincas Borba"*, discute as mudanças feitas pelo escritor Machado de Assis, ao (re)lançar seu romance no formato livresco. Jornal e livro, por constituírem mídias distintas, destinavam-se a públicos diferenciados e, portanto, necessitavam ter características específicas, tanto na estrutura como na linguagem. Nesse caso, não havia a questão temporal como condicionante, mas havia o fator técnico ou midiático, de modo que a adaptação era imperativa, tal como já salientamos anteriormente, nesta apresentação, com base nos postulados de Robert Stam.

Neste momento, chegamos ao fim do breve resumo dos temas e das discussões que estão presentes, nos sete artigos desta edição. Esperamos que a leitura seja profícua e contribua para novos olhares e novas escritas a respeito das obras e dos autores aqui contemplados, afinal, é esse encadeamento incessante de perguntas e respostas, ou de ações e reações, que torna a literatura uma arte democrática e sempre nova. Explico melhor esse raciocínio com o auxílio precioso de Antoine Compagnon, segundo o qual:



A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição. (COMPAGNON, 2003, p. 34)⁶

Verônica Daniel Kobs
Editora

⁶ COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

